



CIÊNCIAS SOCIAIS HOJE: SOCIOLOGIA

Orgs.

Luiz Augusto Campos

Mariana Chaguri

Lorena Fleury

BIB

ANPOCS

Comissão Editorial

Editora-chefe

Marcia Consolim (Universidade Federal de São Paulo)

Editora assistente

Raissa Wihby Ventura (Universidade Estadual de Campinas)

Editoria de área

Antropologia

Deise Lucy Oliveira Montardo (Universidade Federal do Amazonas)

Igor José de Renó Machado (Universidade Federal de São Carlos)

Julie Cavignac (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Soraya Fleischer (Universidade de Brasília)

Ciência Política

Adriano Codato (Universidade Federal do Paraná)

Mariana Batista (Universidade Federal do Pernambuco)

Ricardo Fabrino Mendonça (Universidade Federal de Minas Gerais)

Sociologia

André Botelho (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Eliana dos Reis (Universidade Federal Maranhão)

Luiz Cláudio Lourenço (Universidade Federal da Bahia)

Marcelo Carvalho Rosa (Universidade de Brasília)

Produção Editorial: Zeppelini Publishers (www.zeppelini.com.br)

Arte da capa: Marco Giannotti – Sem título (quarentena) – 170 X 150 cm – 2020 – Óleo sobre tela

Preparação da capa: Maiane Bittencourt

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ciências sociais hoje [livro eletrônico] :
sociologia / orgs. Luiz Augusto Campos, Mariana
Chaguri, Lorena Fleury. -- São Paulo : Zeppelini
Publishers, 2020. -- (Ciências sociais
hoje ; 3)
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-992667-2-0

1. Sociologia 2. Sociologia - Brasil I. Campos,
Luiz Augusto. II. Chaguri, Mariana. III. Fleury,
Lorena. IV. Série.

20-51205

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Sociologia 301

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Luiz Augusto Campos^I
Mariana Miggiolaro Chaguri^{II}
Lorena Cândido Fleury^{III}

Introdução

A sociologia brasileira prepara-se para iniciar a terceira década do milênio em uma situação desafiadora. De um lado, a multiplicação de cursos de graduação e programas de pós-graduação contribuiu para quase quintuplicar o número de pesquisadores/as em sociologia nos últimos 30 anos. De outro lado, as investidas contra a ciência em geral e às humanidades especificamente transformaram a sociologia em alvo privilegiado de ataques políticos¹, minando sua credibilidade e as condições materiais de autorreprodução institucional. Como se não bastasse essa configuração peculiar, a pandemia causada pela COVID-19 e as *medidas de isolamento social* tomadas para sua contenção colocaram sob novos termos questões sobre a importância da disciplina e suas contribuições para a sociedade.

Quais as contribuições consolidadas nas diferentes áreas temáticas da sociologia brasileira? Quais desafios e lacunas ainda per-

sistem? De onde e para onde caminha nosso conhecimento sociológico? Enfrentando tais questões, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) publica sua tradicional coleção de revisões bibliográficas da área de sociologia, agora sob os auspícios da *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais* (BIB). O volume conjuga revisões da literatura dos 12 temas recorrentes na produção bibliográfica das principais revistas, livros, teses e dissertações da disciplina, com foco nas suas contribuições mais recentes, concentradas sobretudo na última década.

A construção de uma representação da produção bibliográfica recente da nossa disciplina em tempos tão conturbados coloca desafios específicos. Em primeiro lugar, porque a sociologia não apenas cresceu em volume, como também se complexificou, condenando ao fracasso qualquer tentativa de representá-la em sua completude. Segundo, porque o próprio perfil social das sociólogas e dos sociólo-

1 Em abril de 2019, por exemplo, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que o então ministro da Educação, Abraham Weintraub, estudava “descentralizar investimento em faculdades de filosofia e sociologia (humanas)”. Segundo nota do Ministério da Educação publicada na ocasião, a medida visava priorizar o investimento público em áreas do conhecimento que “melhor atendem às demandas da população” (G1, 2019). Um ano depois, no contexto da pandemia da COVID-19, o ministro retomou o mesmo argumento para justificar a redução de investimento público nas ciências humanas e sociais, afirmando que, “por conta desses riscos sanitários, é melhor ter médico, enfermeiro e fisioterapeuta do que ter antropólogo, sociólogo e filósofo” (BARBOSA, 2020).

^IInstituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: lascampos@iesp.uerj.br

^{II}Universidade Estadual de Campinas – Campinas (SP), Brasil. E-mail: chaguri@unicamp.br

^{III}Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre (RS), Brasil. E-mail: lorenafleury@gmail.com

gos sofreu transformações de peso. Mais do que compilados da literatura especializada em determinados temas, os textos aqui coligidos são análises em si sociológicas das contribuições acumuladas e dos desafios ainda pendentes nas subáreas da sociologia.

As características que marcam essa compilação são discutidas nas próximas quatro seções. Na primeira, apresentamos os critérios que nortearam a definição dos temas e a seleção das/os autoras/autores que compõem o presente volume. Na segunda, discutimos a variedade de abordagens utilizadas para revisar cada uma das áreas temáticas. Na terceira, delineamos uma visão geral de cada um dos textos e, na quarta, ensaiamos algumas conclusões e desafios gerais colocados pela leitura conjunta dos textos publicados.

Temas e autorias

O primeiro desafio de um compilado de balanços bibliográficos é a definição das áreas temáticas a serem contempladas. Usualmente, os tópicos abarcados são escolhidos com base nas impressões, mais ou menos sistemáticas, dos organizadores sobre as subáreas temáticas que compõem dada disciplina. Não é gratuito que tais compilações sejam criticadas pelos critérios mobilizados (ou pela falta deles) para definir as temáticas. Pode-se optar, por exemplo, por um balanço focado em nichos mais tradicionais ou temas emergentes; por replicar sumários de revisões prévias ou inovar com base nelas; por trabalhar com temáticas híbridas ou preferir demarcações claras. Independentemente disso, toda estruturação de um rol temático será sempre criticável por preferir um ou outro critério.

Na condição de balanço das literaturas instado pela ANPOCS, optamos por uma definição dos temas que buscasse representar, ainda que minimamente, as áreas mais tradi-

cionais da sociologia brasileira dos últimos anos. Tal escolha, contudo, deixava em aberto a questão de estabelecer quais seriam esses tópicos e como defini-los. Para contornar essas dificuldades, optamos por utilizar uma técnica de análise de textos denominada *modelagem de tópicos*. *Grosso modo*, essa técnica pressupõe ser possível agrupar documentos de determinado *corpus* em diferentes tópicos de acordo com suas regularidades vocabulares. Dito de outro modo, em um rol de textos, aqueles que apresentam vocabulários comuns tenderiam a fazer parte de uma mesma área temática, enquanto aqueles que empregam léxicos relativamente distintos tenderiam a pertencer a tópicos diferentes. Para estimar quais seriam os tópicos mais centrais da sociologia atualmente, tomamos como base de análise todos os artigos publicados por periódicos multitemáticos da área de sociologia, indexados no portal Scientific Electronic Library Online (SciELO), que tivessem em seus *abstracts* termos com o radical *soci*.

No total, a análise levou em conta 1.522 *abstracts*, distribuídos pelos oito periódicos a seguir: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, *Tempo Social*, *Sociologias*, *Dados*, *Sociedade e Estado*, *Lua Nova*, *Caderno CRH* e *Novos Estudos* — CEBRAP. Uma vez definido o *corpus* da pesquisa, e tendo em vista a demanda prévia da BIB por 12 balanços temáticos, chegamos à seguinte lista de tópicos:

- movimentos sociais e ação coletiva;
- estratificação de classe;
- estudos de gênero;
- teoria sociológica no Brasil;
- pensamento social brasileiro;
- relações raciais;
- criminalidade e violência;
- estudos rurais e do meio ambiente;
- sociologia do trabalho;
- sociologia da cultura;
- sociologia da educação;
- sociologia da religião.

Uma vez elencados os tópicos a serem contemplados, restava definir os critérios de seleção das autoras e autores a comporem o balanço. Nesse quesito, optamos por instar colegas com diferentes perfis, valorizando a multiplicidade de região, sexo, geração e raça. Ademais, incentivamos o trabalho conjunto entre colegas, muitas vezes sugerindo parcerias entre coautores que, a nosso ver, representavam tendências complementares em uma mesma área temática. O resultado disso é que 10 dos 12 textos foram escritos em coautoria. No cômputo geral, o volume contou com a colaboração de autoras e autores de 18 instituições distintas, distribuídas em sete unidades da federação, de quatro das cinco regiões do país.

Embora a composição demográfica da disciplina ainda reproduza — ou mesmo reforce — desigualdades mais amplas, optamos por contar com autoras e autores com distintos perfis e origens institucionais. Tal variedade foi considerada central na construção coletiva de uma imagem possível, ainda que não exaustiva, das dinâmicas atuais de um campo em franca transformação. Não pretendemos com essas escolhas *representar* a diversidade de perfis existente na sociologia, muito menos acreditamos que tal composição garanta por si a validade das revisões. Assim como várias outras disciplinas acadêmicas, a sociologia é fortemente marcada por desigualdades regionais, de gênero, geração e raça, o que torna no mínimo inocente qualquer tentativa de superá-las por meio de compilações como esta. Apenas partimos do pressuposto de que o debate entre autoras e autores dos distintos textos ganharia caso fossem selecionados perfis demográfica, metodológica e teoricamente distintos.

Uma vez definidos os critérios de composição temática e a definição das autorias, optamos por deixar a cargo de cada uma/um dos responsáveis as abordagens teóricas e estratégias metodológicas empregadas na construção de suas revisões. De modo surpreendente até mesmo para nós, os 12 manuscritos apresentam uma variedade de abordagens que realça a complexificação das próprias estratégias de construção de uma revisão da literatura, como discutiremos na próxima seção.

Resta apontar, por fim, que tal variedade foi abordada e amplamente discutida no seminário “Sociologia Hoje”, que reuniu atores/as e organizadores/as para o debate das primeiras versões dos balanços entre eles/elas e com um público maior. Entre os dias 29 e 31 de janeiro, autoras e autores de 10 dos 12 textos contemplados reuniram-se no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ) para apresentar seus textos no estágio de maturação em que se encontravam. Com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), e apoio do IESP-UERJ e da ANPOCS, reunimos 14 autoras/es que debateram seus manuscritos com dez comentadores e com um público médio diário de 30 pessoas. Todos os debates foram gravados e estão disponibilizados no canal do Youtube do IESP-UERJ².

Abordagens

O crescimento e a complexificação da sociologia brasileira colocam desafios novos a qualquer tentativa de resenhar a literatura

2 Os vídeos podem ser acessados pelo *link*: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLNSEFK94TV0vr1fEUrDC6Dtm1g8KEDoSo>>. Acesso em: 7 set. 2020.

dominante em dada área temática. O crescimento da disciplina, no que toca aos seus praticantes e ao volume total de publicações, exige a utilização de critérios de seleção das referências relevantes e de técnicas plurais de análise do seu conteúdo. Já a crescente diversificação temática, que ora aparta grupos distintos e ora os funde, torna mais difícil o desafio de delinear as fronteiras entre as temáticas e as suas publicações fundamentais. Portanto, além de uma bibliografia atualizada e relevante dos tópicos elencados, o/a leitor/a pode ler cada um dos artigos como um compilado de diferentes formas de construir um balanço bibliográfico.

Uma distinção importante que emerge dos textos tem a ver com o emprego de metodologias qualitativas e quantitativas de análise das respectivas bibliografias. Muitos são os pares conceituais mencionados para definir as estratégias de construção de uma revisão: balanços bibliométricos × balanços bibliográficos; revisões sistemáticas × revisões narrativas; análise de conteúdo × análise do discurso. A despeito das diferentes nomenclaturas, essas dicotomias fazem referência à possibilidade de resumir dada literatura acadêmica, de um lado, pela quantificação das características de seus textos e, de outro lado, pela reconstrução interpretativa e qualitativa de suas propriedades. Já há no Brasil e no mundo um rico debate sobre as vantagens e as desvantagens dessas distintas estratégias. Entretanto, mais do que as hierarquizar, chama atenção o modo como ambas convivem bem — algumas vezes em um mesmo texto — e produziram resultados mais complementares do que contraditórios.

Dada a profusão de publicações em ciências sociais, quase todos os balanços tiveram de se haver também com mecanismos que permitissem elencar as mais relevantes das demais. Muitas análises reforçam a con-

sagração de dois mecanismos institucionais de divulgação e hierarquização das publicações acadêmicas: o sistema de avaliação Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a livraria virtual SciELO. De um lado, o sistema Qualis-CAPES empreendeu nas últimas décadas um complexo programa de ranqueamento das revistas acadêmicas e das editoras de livros em diversas áreas da ciência. Além de monitorar a evolução da publicação científica nacional e de suas pós-graduações, o sistema tornou-se base para a distribuição de recursos e prestígio na ciência brasileira. Não é gratuito que parte dos nossos textos recorta a literatura a ser analisada com base nos periódicos mais bem classificados no sistema e/ou pelas notas atribuídas aos programas de pós-graduação.

A SciELO é uma iniciativa conjunta da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME) que disponibiliza em política de acesso aberto uma enorme quantidade de artigos acadêmicos de distintas disciplinas. Muitos dos artigos deste volume optaram por consultar esse banco não apenas pela facilidade de acessá-lo, mas também pela importância que as revistas nele indexadas alcançaram. Vale mencionar também outros *corpora* utilizados, como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD-IBCT), além dos anais dos congressos da ANPOCS e da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). Todos esses bancos demonstram o poder reestruturador de nossa área desses mecanismos digitais de indexação e busca de informação.

Isso não quer dizer que tais balanços sejam qualitativamente superiores aos feitos

anteriormente por talvez disporem de *corpora* e métodos mais complexos, mas apenas que o crescimento da produção sociológica interpõe novos desafios às revisões. Aliás, o recurso às revisões bibliográficas anteriores se faz presente em todos os textos, ainda que de modos plurais. Ora fornecem pontos de partida, com base nos quais se delinea o marco temporal inicial dos diferentes *corpora*, ora oferecem categorias analíticas de classificação e avaliação das literaturas — tanto para afirmar sua continuidade quanto para destacar suas transformações. Nota-se que, embora houvesse uma diretriz geral de que os últimos anos desta década fossem contemplados, ficou a critério das/dos autoras/autores estender ou restringir o retorno histórico.

Outro desafio recorrentemente mencionado nos balanços se refere à dificuldade de traçar fronteiras disciplinares nítidas nos diálogos temáticos. Talvez mais do que ocorre com suas irmãs imediatas, a antropologia e a ciência política, as temáticas centrais para a sociologia se formam sempre no diálogo interdisciplinar. Daí o fato de muitos dos textos incluírem em seus recortes as contribuições não apenas das outras duas ciências sociais, mas também da história, da economia, da educação etc. Isso reforça não apenas a complexidade interna da sociologia, mas seus múltiplos diálogos externos com as disciplinas adjacentes.

A rigor, o estatuto mesmo do que vem a ser uma temática de pesquisa assume sentidos muito distintos em cada um dos balanços. Determinados tópicos detectados na modelagem foram tratados como grupos de debate em torno de um conjunto de problemas (pensamento social), outros foram delimitados pelo seu objeto específico (raça e gênero), outros ainda por um tipo específico de postura ante uma problemática (teoria social e estratificação). Portanto os temas em

si são construções sociológicas que assumem diferentes formas e fronteiras a depender do contexto de referência.

Visão geral

Como indicado até aqui, autoras e autores acionaram variadas estratégias metodológicas para compor seus balanços bibliográficos, tensionando ou confirmando aspectos das autoimagens das subáreas sobre si mesmas.

Os estudos sobre trabalho foram revisados no artigo “Sociologia do trabalho e suas interfaces: trajetória e tendências atuais”, de Roberto Vêras de Oliveira, José Ricardo Ramalho e Cinara L. Rosenfield. Percorrendo o processo de construção dessa subárea no Brasil desde a sua constituição nos anos 1950, o balanço explora algumas das interconexões do debate brasileiro com tradições sociológicas estrangeiras e procura caracterizar os diferentes debates e preocupações para organizar variados momentos da produção do conhecimento sociológico sobre o trabalho no país. O texto destaca o modo como a subárea se definiu com base em uma dupla dinâmica: de um lado, o esforço empírico e teórico de descrever e interpretar as transformações nas condições e na natureza do trabalho, nas relações entre capital e trabalho e nas dinâmicas sindicais e, de outro lado, o diálogo com variadas disciplinas, por exemplo, estudos de gênero, história social, engenharia de produção, administração de empresas e saúde ocupacional. Esse duplo movimento, no argumento dos autores, foi central para configurar os caminhos percorridos pela sociologia do trabalho no Brasil cujo campo de abordagem se diversificou para além da fábrica, incorporando outras formas de trabalho e variadas dimensões da vida social, propondo desafios renovados à teoria sociológica.

Já os estudos relativos aos movimentos sociais e à ação coletiva foram resenhados por José Szwako, Monika Dowbor e Ramon Araújo em “A produção de artigos acadêmicos sobre movimentos sociais publicados nos periódicos brasileiros (2000–2017): tendências & inovações”. Tomando como *corpus* artigos sobre mobilizações e movimentos sociais no Brasil, publicados entre 2000 e 2017 no portal SciELO.br e em periódicos avaliados nas três disciplinas das ciências sociais como A1 e A2 pelo sistema Qualis-CAPES, a revisão explora questões como o compartilhamento ou a dispersão das referências bibliográficas acionadas, os tipos de análise e de método empregados e a distribuição temática e espacial dos objetos. As evidências e os dados bibliométricos permitiram uma análise articulada das tendências e das inovações da área, revelando, por exemplo, que conceitos mais macrosociológicos como *classe* ou *estrutura social* são menos recorrentes do que aqueles que visam analisar atores sociais em ação. Ou seja, a diferenciação da área guarda referência, sobretudo, com os objetos e contextos empíricos de estudo. Teoricamente, a revisão demonstra modificações nas escolhas teórico-metodológicas na subárea, tais como o predomínio, especialmente a partir de 2009, de debates ligados à teoria do processo político em detrimento daqueles relativos aos novos movimentos sociais.

O tema da estratificação foi revisado no artigo “Estratificação e mobilidade social no Brasil: uma revisão da literatura na sociologia de 2000 a 2018”, de Carlos Antonio Costa Ribeiro e Flávio Carvalhaes. Os autores dedicaram-se a uma revisão qualitativa da bibliografia brasileira utilizando como recorte temporal o início dos anos 2000, período em que identificam a emergência de novas gerações de pesquisadoras e pesquisadores oriun-

dos de diferentes institutos e universidades, sobretudo com treinamento quantitativo. Para tanto, os artigos e livros publicados no período foram classificados por subtemas, nos quais os autores buscaram regularidades quantitativamente formalizadas no debate sobre as desigualdades brasileiras e a mobilidade social. Do mesmo modo, identificaram o aprofundamento do uso de técnicas de modelagem, produção e extração de dados, em que pese o alerta para a importância de incorporação de avanços metodológicos que auxiliem na identificação de efeitos causais, especialmente para o caso da explicação sociológica sobre os elementos que estruturariam as desigualdades sociais no país.

Os estudos de gênero foram abordados no artigo “A contribuição dos estudos de gênero para a sociologia: percurso e visibilidade nas revistas generalistas”, de Bárbara Castro e Moema Guedes. As autoras reconstróem o percurso dessa subárea desde meados dos anos 1980, indagando sobre sua visibilidade na sociologia brasileira. Para tanto, o artigo toma como *corpus* os balanços bibliográficos anteriormente realizados e publicados pela própria BIB, bem como artigos com a temática *gênero* publicados em revistas generalistas e especializadas, todas no mesmo patamar de avaliação no sistema Qualis-CAPES (A1) na área de sociologia. A revisão revela que o surgimento de revistas especializadas, a partir da década de 1990, concorreu para a diversificação dos temas e dos contextos empíricos mobilizados pelos estudos de gênero, com a incorporação de temáticas como sexualidade, direitos reprodutivos e masculinidades, num movimento liderado especialmente pela área de antropologia. No entanto, as autoras também demonstram que os estudos de gênero mantiveram sua trajetória temática e conceitual na sociologia brasileira, isto é, o debate sobre mulheres e gê-

nero permaneceu associado às temáticas de trabalho e família, notadamente em dossiês especializados nas revistas generalistas. Desse modo, a transversalidade das temáticas de gênero em estudos sobre trabalho e família marcaram, de modo profícuo, o aprendizado teórico e empírico da sociologia sobre a sociedade brasileira.

O tema do pensamento social brasileiro foi explorado por Antonio Brasil Jr., Luiz Carlos Jackson e Marcelo Paiva em “O pequeno grande mundo do pensamento social no Brasil”. Acionando ferramentas como a análise lexical e a análise de redes sociais, os autores conduziram sua revisão bibliográfica por meio da combinação de diferentes metodologias quantitativas e qualitativas, cruzando dados referentes ao perfil disciplinar, institucional e geracional de pesquisadores/as que participaram (ao menos uma vez) do Grupo de Trabalho “Pensamento Social no Brasil” da ANPOCS à análise dos padrões de suas colaborações. Os dados e as evidências bibliométricas levantados pelos autores confirmam um dos aspectos mais consolidados da autoimagem dessa subárea: sua interdisciplinaridade tanto no interior das ciências sociais quanto no diálogo com objetos e debates teóricos oriundos das artes, da filosofia e da historiografia, por exemplo. A revisão demonstra a capilaridade da área de pensamento social na dinâmica da produção sociológica brasileira, bem como a variação temática e metodológica na subárea, com estudos sobre autores combinados, progressivamente, com estudos sobre temas e problemas da sociedade brasileira — um investimento cada vez maior no caráter reflexivo das relações entre ideias, intelectuais e sociedade. Assim como ocorreu no artigo sobre movimentos sociais e mobilizações, as evidências e os dados bibliométricos permitiram aos autores conduzir uma revisão bibliográfica que demonstra, por exemplo, que a

produção em livros é uma marca relevante do modo como os/as praticantes da subárea veiculam suas produções. Tais livros, por sua vez, revelam uma dinâmica coletiva e colaborativa da produção intelectual na área, a despeito de suas polarizações e disputas internas.

Correlato ao tema anterior, a revisão dos estudos de teoria sociológica realizada por Marcelo C. Rosa e Matheus Ribeiro no artigo “Como se faz teoria social no Brasil? Hagiografia, extroversão intelectual e avanços” também combina análise quantitativa e qualitativa para conduzir um balanço sobre o debate sociológico em teoria no Brasil na última década. Para tanto, os autores tomam como *corpus* os artigos publicados em revistas classificadas pela área de sociologia da CAPES nos níveis A1 e A2 do Qualis-Periódicos para o período de 2010 a 2018, além de uma seleção de livros que, no período, tomaram parte no debate nacional em teoria social. Com base em uma divisão dos artigos em três categorias (comentário, adição e inovação), o texto aponta para a concentração da produção nos comentários de obras e autores — acompanhados de artigos que exploram temas e problemas dedicados a sustentar o valor ou a atualidade de determinada teoria ou movimento teórico para campos específicos da investigação social ou de objetos de estudo específicos. Os dados bibliométricos levantados indicam que tais experimentos estão concentrados em determinados autores e autoras, em geral ligados a matrizes teóricas norte-americanas e europeias. Ato contínuo, os dados também evidenciam uma lacuna nas proposições dedicadas à inovação teórica, seja por meio do diálogo crítico — em suas adesões e recusas — com matrizes sociológicas diversas, seja por meio de variados desafios empíricos à teoria que poderiam constituir contribuições inovadoras no campo da teoria social global.

Os estudos sobre relações raciais foram abordados no artigo “Transformações na produção acadêmica sobre as relações raciais no Brasil (2012–2019): permanências e tendências em ciências sociais”, de Paula da Silva Barreto, Flávia Rios, Paulo Sérgio da Costa Neves e Dyane Brito Reis Santos. Como *corpus*, o autor e as autoras recortaram artigos disponíveis no portal SciELO.br para o intervalo entre 2014–2018 e trabalhos apresentados nos congressos da ANPOCS e da SBS entre 2012 e 2019. O texto também dialoga com outras revisões anteriores, demonstrando a sistematicidade e a institucionalização do debate acadêmico sobre as relações raciais no país. Para conduzir a análise, o texto circunscreveu os trabalhos sobre ações afirmativas e aqueles dedicados a pensar raça e gênero de modo articulado, refletindo sobre os desafios teóricos e empíricos abertos em cada caso. A revisão também abre espaço para uma reflexão sobre as transformações do campo derivadas do debate acerca das cotas raciais no ensino superior, embora uma de suas conclusões é que tais políticas mais diversificaram do que concentraram tematicamente a literatura. Essa diversificação temática foi constitutiva dos estudos sobre relações raciais no país, de modo que, mesmo no interior de temas gerais como ações afirmativas ou raça e gênero, foi possível captar a emergência de subtemas como cultura e identidade, intelectuais, sexualidade e educação, por exemplo, adensando e aprofundando o escopo empírico e teórico da subárea.

O tema da violência, do crime e da justiça criminal, por sua vez, foi revisado no artigo “As linhagens de descendência acadêmica dos pesquisadores ‘pioneiros’ nos estudos sobre violência, crime e justiça criminal no Brasil (1970–2018)”, de Rochele Fellini Fachinetto, Lígia Mori Madeira, Jania Perla

Diógenes de Aquino e Leonardo Geliski. O texto também opta pela estratégia de combinar análise qualitativa de balanços anteriormente realizados ao levantamento de dados quantitativos. Neste último caso, no entanto, as autoras e o autor optaram por uma estratégia singular em relação aos demais artigos e promoveram um mapeamento das linhagens de descendência acadêmica dos pesquisadores *pioneiros* da subárea de estudos, procurando analisar os caminhos e os processos de formação das novas gerações de pesquisadores. Com base no diálogo com a bibliografia de referência, selecionaram-se 14 *pioneiros* cujas descendências foram investigadas de modo detalhado, compondo amplo mapeamento dos perfis dos/as praticantes da subárea, das transformações teórico-metodológicas experimentadas nas últimas décadas, bem como da interação entre empiria e teoria dessas pesquisas. Demonstrando a ampla institucionalização da subárea na sociologia brasileira, a revisão bibliográfica também aponta para o modo como estudos sobre crime, violência e justiça criminal acompanham, de perto, as dinâmicas próprias do Estado e da sociedade no país.

Os estudos rurais e do meio ambiente foram abordados por Rodrigo Constante Martins e Luis Henrique Cunha no artigo “Ruralidades e meio ambiente: a constituição de um campo de investigação na sociologia”. Dedicados a uma detida revisão do debate brasileiro, mas também das reverberações, adesões e recusas de formulações teórico-metodológicas internacionais, o artigo explorou as relações entre ruralidades e meio ambiente no âmbito da sociologia e de disciplinas conexas, últimas décadas. Aprofundando sua reflexão, os autores demonstram os processos intelectuais e as dinâmicas políticas que concorreram tanto para a convergência entre as temáticas quanto para seu tensiona-

mento, sobretudo nas esferas das políticas públicas ou dos conflitos políticos e sociais. Explorando os avanços teóricos e analíticos derivados do encontro, de mão dupla, entre a sociologia rural e os estudos ambientais, a revisão demonstra como as configurações próprias das populações camponesas, das florestas, dos parques etc. desafiaram empiricamente a imaginação dos praticantes das duas áreas, impulsionando diálogos críticos e adensamentos teórico-metodológicos.

O tema da educação foi objeto da revisão bibliográfica de Maria Ligia de Oliveira Barbosa e Luís Armando Gandin no artigo “Sociologia da educação brasileira: diversidade e qualidade”. Partindo do diálogo com revisões anteriores, mas também mobilizando dados e referências que dimensionam a institucionalização dos estudos sobre educação na sociologia brasileira, os autores apontam para a diversidade temática que constitui a área, em que pese a concentração regional de praticantes nos estados das regiões Sul e Sudeste, além de Brasília. Analiticamente, os autores distinguem a produção na área em abordagens sistêmicas, individualistas e de médio alcance, percorrendo temas como família, Estado e políticas, instituição escolar, níveis de ensino, transições escolares e estratificação educacional, currículo e conflito e violência na escola. Ao conduzir um balanço sobre os alcances e limites de cada abordagem no estado atual dos estudos realizados no país, os autores apontam o alinhamento entre as produções nacional e internacional.

Os estudos sobre religião foram revisados por Joanildo Burity no artigo “Sociologia da religião no Brasil: artesanias, fronteiras e horizontes”. Para construir seu *corpus* analítico, o autor cruzou informações entre a classificação da área de sociologia e ciências sociais e a área de ciências da religião, restringindo seu conjunto às revistas classificadas

como A ou B1 nas respectivas áreas para o período entre 1998 e 2018. Percorreu, ainda, dados relativos à presença da subárea nos programas de pós-graduação em sociologia e em ciências sociais, observando a progressiva diversificação regional dos programas. Quanto ao perfil dos praticantes, a análise dos dados de autoria dos artigos verificados revela uma preponderância da sociologia, com crescimento expressivo da antropologia, especialmente após 2007. Em relação às religiões estudadas, o autor demonstra que a área se organiza em torno de certo esforço em abordar mais de uma religião simultaneamente, bem como a tendência de dissociar o estudo de determinada religião de sua dimensão demográfica, isto é, em geral os objetos são construídos levando em conta questões como sua visibilidade e as controvérsias públicas associadas às diferentes religiões no país.

Finalmente, o tema da cultura foi objeto de revisão bibliográfica de Edson Farias, Bruno Gontyjo do Couto e Tiago Rodrigues no artigo “A sociologia da cultura no Brasil em artigos (2008–2018)”. Refletindo sobre a diferenciação epistêmica da sociologia da cultura como área no interior da sociologia praticada no Brasil, os autores também combinaram estratégias qualitativas e quantitativas para conduzir a análise, identificando aquilo que caracterizam como as linhas de força que organizam dimensões teóricas, metodológicas e epistêmicas da área. Assim, por meio de levantamento bibliométrico que tomou como base periódicos classificados com Qualis A1 e A2 na área de sociologia, os autores identificam uma tendência à diversificação regional dos praticantes da área, em que pese certa concentração de pesquisadores/as situados no Centro-Sul do país. Do ponto de vista dos objetos, o mesmo levantamento, articulado a uma ampla análi-

se qualitativa de balanços anteriores, permitiu identificar duas matrizes: de um lado, a vida intelectual e, de outro lado, a cultura popular de massas. Como apontam os autores, no entanto, tais matrizes estão marcadas por intensos debates interdisciplinares, bem como comportam uma variedade de problemas e questões, tais como a reflexão sobre identidades e processos de mundialização. Em linhas gerais, entre estudos dos meios e das mediações culturais, os autores indicam a institucionalização que a subárea assumiu na sociologia praticada no Brasil, bem como aspectos das controvérsias conceituais e teóricas que marcam a polissemia da área.

Conclusão

Todo balanço bibliográfico é um resumo parcial de um momento específico de dada disciplina ou área temática. Ao mesmo tempo que ele dá forma à literatura especializada de dado campo, estabelece um marco para críticas e atualizações futuras. Por esse motivo, não pretendemos aqui apresentar uma imagem definitiva da sociologia brasileira produzida nos últimos anos, mas somente uma leitura possível dos desafios e conhecimentos acumulados até os anos recentes.

Isso não implica, contudo, que uma revisão bibliográfica seja necessariamente um esforço arbitrário ou mera expressão dos caprichos de seus autores. Como indicamos nas seções anteriores, a sua construção depende de uma série de critérios que têm como objetivo tornar a narrativa sobre um campo reconhecível como legítima pelos seus membros. Tais critérios envolvem desde modelos para a definição das temáticas relevantes, delimitação dos *corpora* estudados ou tipo de abordagem utilizada até as diretrizes

de seleção das autorias, o diálogo entre elas e as visões de comentadores e pareceristas.

Apontamos aqui que esses 12 balanços bibliográficos correspondem a relatos possíveis para diferentes subáreas da sociologia cuja validade é proporcional à solidez dos procedimentos adotados pela sua editoria, pareceristas, autores e autoras. A despeito da multiplicidade de abordagens, todas elas buscaram fomentar o debate entre grupos e perspectivas distintas de uma mesma disciplina.

O resultado sugere que a sociologia é uma disciplina complexa, historicamente sólida, tematicamente plural e metodologicamente aprimorada. Ainda assim, seu financiamento e sua legitimidade social encontram-se em xeque, muitas de suas temáticas importantes se encontram em declínio e as metodologias empregadas parecem ser desafiadas por objetos novos. Em suma, seu instrumental analítico e sua capacidade coletiva de investigação são tão desenvolvidos quanto os desafios interpostos a ela.

As várias abordagens reunidas aqui expressam a complexificação temático-disciplinar não apenas da sociologia, mas também da própria concepção do que vem a ser um balanço bibliográfico. Em um campo que cresceu em tamanho e diversidade, tanto no que concerne à sua produção bibliográfica quanto à composição demográfica, produzir imagens abarcantes de nichos temáticos específicos tornou-se um desafio em si sociológico. Se um balanço bibliográfico já pôde ser concebido como análise de algumas dezenas de textos consensualmente reconhecidos como fundamentais para dada área, hoje ele faz necessariamente parte do esforço sociológico de compreender a sociologia e o aprendizado por ela produzido sobre a sociedade brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Marina. Weintraub: chineses podem gerar nova pandemia, “comem tudo que sol ilumina”. **Correio Braziliense**, 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/05/interna_politica,842601/weintraub-chineses-podem-gerar-nova-pandemia-comem-tudo-que-sol-ilu.shtml>. Acesso em: 14 out. 2020.
- G1. Bolsonaro diz que MEC estuda “descentralizar” investimento em cursos de filosofia e sociologia. **G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/26/bolsonaro-diz-que-mec-estuda-descentralizar-investimento-em-cursos-de-filosofia-e-sociologia.ghtml>>. Acesso em: 14 out. 2020.